

ESCOLA SECUNDÁRIA / 3.º CEB DA BATALHA
12ºANO - PORTUGUÊS B
«FELIZMENTE HÁ LUAR», LUÍS DE STTAU MONTEIRO

PROPOSTA DE CORRECÇÃO DE ALGUNS EXERCÍCIOS
DO MANUAL DE PORTUGUÊS B - INTERACCÕES -

Leitura:

ACTO I (p. 217)

- 1.1. As personagens são elementos do povo, conscientes da situação sócio-política do país, num momento de profunda crise. Manuel, o «mais consciente dos populares», está «andrajosamente vestido» e manifesta a sua profunda impotência para resolver os problemas que afectam, sobretudo, a sua classe social. Para denunciar esta situação, as personagens (Manuel e o 1º popular) agem sarcasticamente. O pano de fundo do cenário é um grupo de populares: alguns conversam, outros dormem no chão e uma velha cata piolhos a uma moça. Surge também uma importante intervenção do 1º popular que, ironicamente, finge tirar um relógio de ouro inexistente de um colete igualmente inexistente.
- 1.2. Este texto sugere uma representação marcada pela técnica da distanciação na esteira do teatro brechtiano. A acção decorre no ano de 1817, apresentando um momento em que se viveu um conflito ideológico entre os partidários da monarquia absolutista e os do movimento conspirativo que desenvolve uma consciência liberal. Contudo, o dramaturgo pretende denunciar os erros do regime político do seu tempo, o período da ditadura salazarista. De facto, o ano de 1961, momento em que a peça foi escrita, também foi marcado por confrontos entre o poder instituído e aqueles que lutavam pela liberdade. Assim, de acordo com o teatro de Bertolt Brecht, o assunto é histórico e o espectador terá de manter uma atitude crítica e reflexiva perante o que lhe é apresentado: «O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso»; «Pretende-se criar desde já, no público, a consciência de que ninguém, no decorrer da peça vai esboçar um gesto para o cativar ou para acamaradar com ele.»
- 2.1. O texto faz referência à situação de Portugal após as invasões francesas, ao poder militar britânico e à ausência do rei D. João VI, que se encontrava no Brasil e que confiara a governação do reino a uma Junta de Governadores: «Vê-se a gente livre dos franceses, e zás!, Cai na mão dos ingleses! E agora? Se acabamos com os ingleses, ficamos na mão dos reis do Rossio...»
- 2.2. O cenário é despojado de adereços, havendo referência a um caixote, onde está «sentada uma velha», e a uma saca que cobre uma rapariga que dorme no chão. As poucas indicações cénicas sugerem um espaço exterior, a rua, onde o povo vive em condições deploráveis. A indumentária das personagens também reflecte a miséria do povo, pois Manuel, «o mais consciente dos populares», está «andrajosamente» vestido.
- 2.3. Trabalho de pesquisa.
- 3.1. O texto didascálico assume uma extrema importância no teatro segundo o modelo de Brecht. Assim, constatamos que as notas à margem, bem como as indicações parentéticas, são extremamente relevantes para o encenador e para os actores. O objectivo é levar o público a reflectir sobre o passado, desligado da acção, para agir no presente. Por outro lado, o dramaturgo teria consciência de que o seu texto iria ser censurado e que a sua peça não seria representada, pelo que, através das didascálias, poderia fazer ouvir a sua voz ao leitor de *Felizmente Há Luar!*.
- 3.2. Por exemplo:«Uma velha, sentada num caixote, cata piolhos a uma rapariga nova».

ESTRUTURA (p. 218)

1.1. / 1.2. **Exposição – Acto I:** apresentação das personagens e da época em que a acção decorre (referência às invasões francesas, à ausência do rei D. João VI, ao poder militar britânico. **Conflito – Acto I:** acção dos delatores e do poder instituído; organização da prisão de Gomes Freire. **Clímax – Acto II:** prisão do General Gomes Freire d’Andrade. **Desenlace – Acto II:** morte de Gomes Freire em S. Julião da Barra.

2.1.

Liberdade: General Gomes Freire d’Andrade, Matilde de Melo.	Repressão: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford.
Justiça: General Gomes Freire d’Andrade, Matilde de Melo, António de Sousa Falcão.	Injustiça: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford, Vicente, Dois Polícias, Andrade Corvo, Morais Sarmiento.
Miséria: Manuel, Rita.	Opulência: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford.
Verdade: General Gomes Freire d’Andrade, António de Sousa Falcão, Matilde de Melo, Manuel.	Hipocrisia: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford, Vicente, Dois Polícias, Andrade Corvo, Morais Sarmiento.
Resistência: General Gomes Freire d’Andrade, Matilde de Melo, António de Sousa Falcão.	Poder: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford.
Amigos de Gomes Freire: António de Sousa Falcão.	Inimigos de Gomes Freire: D.Miguel Forjaz, Principal Sousa, William Beresford, Vicente, Dois Polícias, Andrade Corvo, Morais Sarmiento.

2.2. **General Gomes Freire d’Andrade: herói virtual, líder carismático, lutador, grão-mestre** da maçonaria, estrangeirado, lúcido, inteligente, idolatrado pelo povo, justo, íntegro, leal, franco, entusiasta de causas nobres, mártir das injustiças políticas. **D. Miguel Pereira Forjaz:** primo de Gomes Freire d’Andrade, governador do reino, defensor do Absolutismo, prepotente, injusto, intolerante, cínico, interesseiro, autoritário, ambicioso, desumano, calculista, medíocre, rancoroso.

3.1. / 3.2. O Acto II começa com uma intervenção de Manuel e surgem quase todos os populares que introduziram o Acto I. As palavras de Manuel são exactamente as mesmas que deram início ao Acto I («Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?»). Este monólogo é claramente intencional por parte do dramaturgo, como podemos verificar na nota à margem. Contudo, na didascália parentética, a seguir à fala da personagem, há uma ligeira diferença: «Dá dois passos em direcção ao fundo do palco. Detém-se». Não «continua», como no Acto I. Aliás, nenhum popular continua, ninguém tem coragem para enfrentar o poder, todos ficam intimidados pelo rufar dos tambores, excepto Matilde de Melo e Sousa Falcão, fiéis amigos de Gomes Freire d’Andrade. Os seus sentimentos e as suas convicções são mais fortes do que o medo que atormenta o povo e que o leva a trair aquele em quem tinha depositado a esperança de uma vida melhor.

ACTO II (p. 227)

- 1.1. Matilde intercede junto de Beresford, chefe militar, para tentar que os governadores libertem o seu marido.
- 1.2. Inicialmente, Matilde tenta sensibilizar Beresford, estabelecendo uma comparação entre a sua situação e um hipotético acontecimento análogo com a mulher do militar inglês («O que a sua mulher pretenderia, se o amasse, e se o senhor fosse preso na sua terra»); seguidamente, refere a ignomínia da injustiça e da tirania («A injustiça e a tirania, só as sente quem anda na rua, quem é homem ou quer ser homem»); por último, desafiando a sua própria consciência e proferindo palavras que não correspondem à verdade, diz que não lhe interessa a política nem a situação do país e salienta que quer o seu companheiro, ainda que tenha que colaborar na tirania para manter o seu marido em casa («As mulheres, Sr. Marechal, estão sempre dispostas a colaborar com a tirania para conservarem os maridos em casa»).
- 1.3. Beresford humilha Matilde de Melo, escarnecendo das suas afirmações e perguntando-lhe o que diria Gomes Freire d'Andrade se a ouvisse.
2. Matilde de Melo, a fiel «companheira de todas as horas do General Gomes Freire d'Andrade», é uma mulher determinada, insubmissa, astuta e perspicaz. Por isso, dirige-se a Beresford com o objectivo de conseguir a liberdade do seu marido, usando argumentos que poderiam sensibilizar o militar britânico. Contudo, este revela-se prepotente e extremamente sarcástico.
3. As notas à margem das falas da personagem permitem-nos inferir da prepotência e do sarcasmo que acompanham as falas de Beresford, bem como o ódio que a personagem nutre por Gomes Freire d'Andrade. Relativamente a Matilde de Melo, temos a noção de que as suas palavras não se coadunam com o seu carácter, pois as suas «afirmações são proferidas em tom de desafio, até porque não correspondem à verdade. Matilde, ao fazê-las, está a desafiar a sua própria consciência», tentando tudo para salvar Gomes Freire.
- 4.1. A reiteração do determinante possessivo *meu* traduz a afectividade, o amor e o carinho de Matilde de Melo por Gomes Freire d'Andrade.
5. A interrogação final de Beresford, marcada pela ironia, constitui uma forma de humilhar Matilde de Melo, já que as palavras proferidas por esta personagem feminina não estão em conformidade com o seu carácter, nem com a causa defendida por Gomes Freire.